

e-nigma

Gerson Lodi-Ribeiro
&
Miguel Carqueija

Terror em Pedra Torta

Título: Terror em Pedra Torta

Autor: Gerson Lodi-Ribeiro e Miguel Carqueija

Capa: Gabriel Bozano / Jorge Candeias

Revisão: Miguel Pinto

Publicado originalmente em: Megalon nº 48 (Março 1998)

Outras publicações:
E-nigma Light, 2001

Os e-books editados pelo E-nigma são publicados por acordo com os seus autores e o *copyright* permanece na posse do autor. A reprodução destes e-books é livre se e só se o texto se mantiver inalterado e sob a forma original deste PDF, e na medida em que não haja aproveitamento comercial. A cópia, aluguer ou qualquer outra transacção destas publicações a troco de dinheiro está expressamente proibida.

Editor: E-nigma (www.ficcao.online.pt/E-nigma) / Jorge Candeias

Edição nº: NE-12/2004

Ajude o E-nigma a oferecer-lhe cada vez mais e melhor literatura fantástica. Veja como em www.ficcao.online.pt/E-nigma

O mundo parecia prestes a acabar naquela noite tenebrosa.

Depois de uma tarde cinza chumbo, nuvens negras e ameaçadoras desabaram num aguaceiro sem precedentes. O temporal envolveu a cidadezinha de Pedra Torta com seu coro de trovões pavorosos e sua teia de relâmpagos, emaranhados uns nos outros, riscando os céus escuros da região.

Caminhava de um lado para outro, presa de uma inquietação crescente, segurando na mão direita um cálice de licor de chocolate, sem decidir se sorvia ou não o primeiro gole.

Sentia-me encurralado em casa, embora protegido por uma laje sólida centenária e pelo pára-raios instalado meses atrás, e gozando da companhia dúbia da idosa cadeira *huskie* siberiana, herança do meu avô, que dormitava no tapete apesar do bramido das trovoadas.

Fitei Laika com uma ponta de inveja. Muito velha e virtualmente surda, para ela era fácil dormir em meio àquele festival de trovoadas capaz de fazer um cadáver se erguer da sua tumba.

Observava as velhas estantes e os livros que acumulara durante muitos anos. Alguns eram velhíssimos, adquiridos em sebos, ainda que geralmente bem conservados. As encadernações ostentavam aquele aspecto acolhedor, tão comum em edições mais antigas, ao contrário das atuais, chamativas pela falta de estética patente em suas cores berrantes. Inquieto, volta e meia eu retornava para a frente das estantes e fixava obsessivamente algumas lombadas gastas e apagadas. Dentre os milhares de livros, o que mais atraía a minha atenção naquela noite fatídica era um volume grosso intitulado simplesmente: *O Testamento do Mal*. Um livro estranhíssimo, uma espécie de antologia com trechos significativos de diversas obras sinistras recolhidas ao longo dos séculos, dentre elas o célebre e medonho *Necronomicon*. Li este último em Arkham, nos E.U.A., quando lá estive de passagem pela Universidade de Miskatonic.

Desde aquela época sonhos horríveis me perseguiram. Ocorriam sempre nas noites de tempestade. Sempre tive a impressão de um elemento sobrenatural nesses temporais. Embora confusos como costumam ser os sonhos, esses pesadelos eram a seu modo instigantes, afigurando-se como revelações de universos estranhos e mundos assustadores.

Havia sempre uma grande variedade de monstros inteligentes presente nesses sonhos. Criaturas malignas e hediondas, mas dotadas de grande intelecto, cujo objetivo fundamental e imutável ao longo dos séculos, milênios e aeons era o domínio absoluto do universo — ou dos universos.

Era por isso que as noites de tempestade me assustavam tanto.

Não espantava, portanto, que eu estivesse inquieto e insone naquela noite horrível. Não me atrevia a dormir por temor aos horrores noturnos que me aguardavam. Sentia-me nervoso demais para assistir um vídeo ou folhear um livro de Astronomia. Preso àquele estado de espírito, só me restava deambular pela casa, como um Mr. Hyde acuado, sentindo os pelos se eriçarem a cada ribombar de trovão.

No fundo eu sabia que, naquilo tudo, alguma coisa estava de fato muito errada. Aqueles pesadelos seguiam uma lógica, uma coerência aterradora. Ao longo dos anos eu fizera anotações sobre eles e agora dispunha de vários cadernos de apontamentos que jamais ousei mostrar mesmo aos amigos mais íntimos. Lembravam até certo ponto os sonhos atribuídos a H.P. Lovecraft. Nos últimos pesadelos a revelação final parecia iminente. E era isso que eu temia: pois aquela era a maior tempestade que eu já vira.

Finalmente, num ímpeto, decidido a enfrentar de frente o meu pavor, retirei o *Testamento do Mal* da estante, ainda que uma voz interior me sussurrasse que eu não devia ficar remoendo aqueles textos obscuros e hediondos.

Possuía todo tipo de livro em minha biblioteca, desde a Bíblia até Agatha Christie. Então, por que aquele interesse por coisas estranhas? Na verdade, não gostava daquele livro, mas queria extrair dele alguma experiência, algum conhecimento.

Sentei-me à escrivaninha e comecei a folheá-lo — passando, por exemplo, por trechos do *Dei vermii mysterys* — até chegar aos excertos do *Necronomicon*.

Esse relato falava nas cidades imensas que raças cósmicas haviam construído.

Na imensidão da Terra e com o passar das eras — bilhões de anos — tudo praticamente desaparecera ou jazia soterrado por camadas geológicas ou esmagado sob as geleiras.

Nos meus sonhos apareciam as tais cidades, com suas arquiteturas de geometria estranha e proporções espetaculares. Uma delas, R'lyeh, talvez seja um dia encontrada no fundo do Oceano Pacífico, pelos exploradores da estirpe de um Piccard ou de um Cousteau.

O *Necronomicon* completo era um compêndio e tanto; uma obra cuja autoria costumava ser atribuída a um certo árabe conhecido com Abdul Al-Azred. Pouco se conhece desse pretense autor. Por outro lado, seus textos revelam um conhecimento insólito — ou talvez fictício — de um passado muitíssimo remoto. O *Testamento do Mal* reproduzia apenas dois capítulos do *Necronomicon* mas, um deles era justamente o mais inquietante de toda a obra (o outro trecho falava das cidades ancestrais). Segundo o capítulo sinistro, pelo menos uma das raças antigas ainda subsistia no mundo atual, embora parecesse reduzida à impotência, como uma raça das sombras, caminhando lado a lado com os seres humanos.

O elemento perturbador é que, diferentemente das outras criaturas pavorosas citadas no *Necronomicon*, essa última raça arcana era, por assim dizer, uma velha conhecida da humanidade, presente nas nossas lendas e folclore. Ao contrário de todas as outras, não haviam desaparecido sob o véu espesso do esquecimento.

A campanha tocou.

Não contava receber visitas àquela hora. Sobretudo não com aquele tempo.

Deixei o livro e o cálice de licor intato de lado. Caminhei até a porta da sala.

Reconheci pelo olho mágico o Álvaro Magalhães, meu amigo de infância que se tornara professor de Medicina e meu colega na universidade local.

Abri a porta e Laika, por milagre desperta, abanou a cauda para o recém-chegado que gotejava na soleira da porta.

— Salve, Álvaro. O que te traz aqui com um tempo desses?

Nervoso, ele fechou o guarda-chuva negro, mas quase do tamanho de uma barraca de praia.

— Tenho uma coisa importante a lhe falar. Pode parecer estranho, com este

tempo horrível... mas...

Parou de falar e nós permanecemos olhando um para a cara do outro, embaraçados.

Álvaro... Quando garotos havíamos sido unha e carne. Fora praticamente o único amigo dele, pois Álvaro havia sido uma criança doentia, sempre fraca, que não podia tomar sol, e que só ia da casa para a escola e da escola para casa.

E era para aquela casa sombria, onde o pequeno Álvaro vivia com um casal de tios estrangeiros e caladões, que eu ia todas as tardes, depois dos deveres escolares.

Embora fraco, desde pequeno Álvaro possuía um intelecto e tanto. Conversávamos muito, víamos televisão, jogávamos xadrez (ele vencía sempre, a não ser quando sentia pena e me deixava ganhar) e batíamos figurinhas. Na véspera das provas, sempre pude contar com o Álvaro para esclarecer os tópicos mais difíceis.

Bons tempos aqueles...

Lá pelo meio da nossa adolescência, Álvaro se mudou. Ao que parece, foi morar com uns parentes distantes. Só tornei a vê-lo já adulto, como colega na Universidade Federal de Pedra Torta. Desde então, havíamos trocado meia dúzia de cumprimentos secos, algumas banalidades e uns poucos lugares-comuns, e foi só. Como era de se esperar, a velha chama da amizade se extingüira.

— Entre. — Cortei, tentando ocultar o embaraço do amigo dos tempos de moleque que, com o passar dos anos e o afastamento, tornara-se quase que um estranho. — Dê aqui o seu casaco e o guarda-chuva.

Ele limpou os sapatos tipo Vulcabrás no capacho de nylon, tirou o casaco comprido e o passou às minhas mãos junto com o guarda-chuva.

Depois de cruzar o átrio, Álvaro parou no meio da sala de jantar, olhando com ar apreciativo os diversos quadros nas paredes. Santa Ceia. Paisagem japonesa. Pintassilgo na amendoeira. Nave em órbita lunar.

— Você está bem instalado aqui. Era a casa do seu avô, não era?

— Isto mesmo. Mas, e aí? Aceita um drink, um conhaque talvez?

— Ah, sim. Vou aceitar um *scotch*, se você tiver. Ou um bom copo de *bourbon*.

— Está bem. Espere-me na biblioteca. — Apontei-lhe o caminho. — Tenho um pequeno bar por lá. Para os amigos.

— Entendo.

Fui ao lavabo do primeiro andar, pendurar o casaco. Estava inteiramente seco. Também, com um guarda-chuva daqueles... Abri o *bicho* com dificuldade e o deixei escorrendo sobre o piso ladrilhado.

Ao retornar à biblioteca, reparei que Álvaro notara o *Testamento do Mal* na escrivaninha e começara a folheá-lo com ar distraído. Fui direto até o bar, preparar-lhe o *scotch* prometido.

— Gelo?

— Pouco. — Levantou os olhos por um momento e tornou a baixá-los no livro. — Quer dizer que você gosta de ler essas obscuridades? Ah, estou vendo onde você parou. Pelo visto, não perdeu o velho hábito de marcar com cartões de visita.

— Fazer uma dobra na página é coisa de selvagens.

— "Existe um grande número de vampiros no mundo" — Leu em voz alta, sem dar maior atenção ao meu comentário. — "Constituem a Raça das Sombras, que sempre se ocultou em meio aos humanos verdadeiros. Afirmo que os vampiros formam uma sociedade secreta, cujos membros têm procurado, desde os primórdios da civilização, ocupar postos-chave na administração dos assuntos humanos e posições de destaque nos círculos mais elevados do poder temporal. O objetivo a longo prazo é assumir o controle da humanidade, estabelecendo uma cultura vampírica."

Ele se voltou para mim e me fitou com um olhar pensativo no momento em que pronunciava as últimas palavras do texto.

Permanecemos alguns instantes presos àquele silêncio embaraçoso. Mas Álvaro soube quebrar o encantamento.

— Prefiro Axiologia, Egon. Aliás, jamais desconfiei que se interessasse por esses esoterismos.

— Aqui está seu uísque. — Desconversei. — Só tenho para as visitas. Como sabe, meu pai abusou da bebida, bateu com o carro e morreu.

— Disseste-o bem: abusou. Mas diga uma coisa, você já reparou como tem chovido ultimamente em Pedra Torta? Já tinha visto uma tempestade assim?

— Nunca. — Senti espanto ante à questão levantada. — Mas, e daí? Há sempre uma primeira vez.

— Ah, você sabe, Pedra Torta não tem estrutura para uma chuva dessas. Já existem desabrigados.

— Bom, isso é problema do prefeito. Mas, com essa tradição brasileira de prefeitos idiotas, tenho a impressão de que as providências vão ser insatisfatórias.

Sentei-me numa poltrona e convidei-o a fazer o mesmo. Ele sentou-se em frente e encarou-me com um sorriso entre triste e ligeiramente sarcástico:

— Diga-me, Egon, você esteve na Universidade de Miskatonic?

— Aproveitando uma bolsa de estudos, sim... mas porque me pergunta isto?

— Queria saber se você leu por lá um livro chamado *Necronomicon*.

Começava a não gostar do rumo que a nossa conversa tomava. Nunca gostei de coincidências e, diante do meu tormento íntimo, só podia encarar aquela visita intempestiva e o assunto estapafúrdio como mais lenha na fogueira dos meus pesadelos.

— Cheguei a lê-lo, sim... é uma espécie de folclore daquela universidade. É um livro raríssimo.

— Mas como o pôde ler? Ao que me consta, trata-se de um livro árabe. Você lê em árabe?

— O exemplar de Miskatonic — pelo menos o que eu li — está em inglês.

— Em inglês? É impossível! Pois, segundo soube é uma edição antiqüíssima, talvez o original...

— Você está se esquecendo do progresso, Álvaro. Onde esteve nos últimos trinta anos? Lá pelos idos de 1990, o Departamento de Inglês da universidade obteve a tradução e mandou imprimir uma *boneca* do *Necronomicon*. E existe o disquete, evidentemente.

Sorriu amplamente, como um garoto que acabasse de sofrer uma surpresa agradável.

— Ah, meu amigo! Por vezes me pergunto se o progresso do qual você se vangloria é uma coisa boa ou má...

— Mas afinal, porque você se preocupa tanto com essa droga de livro?

Em vez de responder ao tom agressivo de minha pergunta, Álvaro levantou outra questão:

— Diga, você veio da América do Norte há uns cinco anos, não é?

— Sim, e daí?

— Já se preocupou com as estatísticas das chuvas e tempestades em Pedra Torta?

— Muito pouco.

— Bem, eu andei investigando a incidência das chuvas nos últimos cinquenta anos e descobri que houve uma progressão evidente de uns cinco anos para cá. A precipitação pluviométrica anual é agora pelo menos 50% superior às marcas de duas décadas atrás.

Estaria louco? Onde queria chegar aquele sujeito que eu já considerara um amigo chegado, mas com o qual eu perdera quase todo o contato desde a adolescência?

— Não estou entendendo, Álvaro. O que você quer, afinal?

— Olha, eu vou lhe dizer claramente. Já estudei a fundo certos assuntos misteriosos. Tive muito tempo para isto. Existe uma espécie de maldição em torno do *Necronomicon*.

Senti um arrepio me subir coluna acima. Ultimamente eu vinha pensando muito naquela maldição. Lembrei-me deste rumor ouvido em Arkham assim que os pesadelos se tornaram piores e mais frequentes.

— Ouvi falar disso, é claro. Mas, que diabo, Álvaro! Somos ou não somos homens de ciência? Como é que você queria que eu ligasse p'rá uma maldição?

— Ah, mas deveria ter ligado para esta!

Ele me fitou de um modo intenso, como se estivesse zangado comigo. Por um breve instante, julguei ter notado o vislumbre de um brilho avermelhado nas pupilas dele. Lembro que na hora pensei que era só impressão minha.

— E, como você não só esteve em contato com esse livro — *que não deveria ter lido* — mas ainda trouxe excertos dele consigo no *Testamento do Mal*, foi aparentemente acompanhado pela maldição.

Devia estar bêbado! Mas só tomara uma dose de uísque... Além disso, fora o papo esdrúxulo, não apresentava nenhum sintoma de embriaguez. Sendo por natureza conciliatório, engoli o riso garganta abaixo, indagando apenas:

— E se isso fosse verdade, o que eu poderia fazer?

— Não sei ao certo. Talvez você devesse destruir esse seu exemplar do *Testamento do Mal*. Acredito que isto diminuiria a carga negativa da sua casa.

— Ah, pela madrugada! Eu não sou supersticioso! E afinal de contas, você não é um intelectual?

— Está bem, não vamos discutir. Mas pense bem. No que é que a ciência moderna nos ensina a acreditar? Numa força chamada gravitação, que age à distância através de fluxos de partículas que não podemos detectar? Em matéria que ora se comporta como onda e ora como um conjunto de partículas? Caia em si, Egon. O que realmente conhecemos do universo?

Nesse instante um trovão fortíssimo explodiu muito perto mesmo, como que para dar ênfase às heresias pseudocientíficas daquele homem estranho que até então eu tomara por amigo.

Estremeci involuntariamente com o barulho do trovão.

Álvaro se levantou.

— Ainda pretende dormir essa noite?

— É claro! — Considerei a pergunta ridícula — Ou você acha que eu vou passar a noite em claro?

— Egon, eu também penso que você acabará por dormir. Mas antes de partir, devo lembrá-lo de uma coisa. Todas as criaturas racionais possuem livre arbítrio. Não existem, portanto, raças benévolas ou malignas, apenas seres bons ou maus. Sei que estive lendo sobre vampiros. Eles existem, acredite. Mas nem todos são maus. Talvez alguns até sejam capazes de prevenir amigos que desejam saber demais e não avaliam o risco que correm.

— Álvaro, eu não sei o que...

— Escute, você quer um conselho? — Sem esperar pela minha negativa, ele disparou — Tome um sonífero qualquer. Assim, você desligará sua mente, impedindo o ingresso daqueles que são trazidos pelas tempestades. Em nome da nossa velha amizade, faça isso só esta noite. — Ou então, passe a noite em claro. E livre-se desse *Testamento do Mal*. Pois não terá paz enquanto esse livro permanecer em sua casa.

Ergueu-se da poltrona e se encaminhou para a porta. Como que desperta de um transe, Laika acordou, levantando-se do tapete e foi se despedir dele. Quanto mim,

sentia-me inteiramente estupidificado e sem ânimo para lhe fazer a pergunta óbvia.

Caminhei até a porta e a abri para ele. Despedimo-nos friamente.

Somente depois de trancar a porta percebi o quão tresnoitado eu me sentia. Afli-to, pensei no que deveria fazer. O mais fácil seria dormir, como o corpo e o espírito exaustos me exigiam. Mas algo me dizia que era melhor seguir uma das sugestões do visitante.

Devia ter tomado o maldito sonífero que o Álvaro sugerira. Um comprimido de Royphinol, por exemplo... Mas foi justo o tom de autoridade e condescendência dele que acabou me atingindo como um desafio. Por que tipo de covarde ele me tomava? Já tivera pesadelos antes, pesadelos terríveis... Mas, depois daquela conversa, a situação mudou de figura. Com ou sem *Testamento do Mal*, com ou sem os excertos do *Necronomicon*, eu iria dormir, sim senhor. E sem aquela porcaria de Royphinol!

Por incrível que pareça, a decisão de *enfrentar as feras* me acalmou um pouco. Minutos depois, quando vestia o pijama, o primeiro bocejo me fez uma surpresa agradável. Quem sabe se, apesar dos pesares, eu não teria uma boa noite de sono?

Tirei a colcha da cama, ajeitei o travesseiro e me deitei, puxando até o pescoço o cobertor forrado por dentro com um lençol. Ainda pensei numa leitura amena para chamar o sono, mas um novo bocejo me levou a reconhecer que ele já respondera "presente", não sendo necessário qualquer convocação adicional.

Ainda pensei em abrir a porta do quarto para deixar a Laika entrar. Mas... a quem estava tentando enganar? O diabo da cadela era mesmo diferente! Sempre ouvi dizer que os cachorros tinham medo de tempestades. Laika era exceção: conseguia dormir tranqüila num casarão sacudido pelas trovoadas.

Ah, eu não precisava de um animal dormindo perto para me sentir mais seguro, tentei convencer-me com relativo sucesso.

Apaguei a luz do abajur que fazia questão de manter sobre o tampo da mesa de cabeceira. Cerrei os olhos e, em meio aos relâmpagos, que iluminavam os céus mesmo por trás das pálpebras e das cortinas fechadas das janelas, e aos trovões que ora roncavam distantes, ora explodiam bem próximos, adormeci como um bloco de granito.

Acordei no meio da noite. A chuva já não martelava o telhado com vigor inaudito e as trovoadas também haviam parado. O silêncio soava estranho, quase sobrenatural, depois de tantas horas de barulho. O quarto estava imerso numa escuridão viscosa e pesada, algo onírica, como se eu houvesse mergulhado num barril de piche. Perguntei-me se estava de fato acordado.

Foi então que pressenti um vulto em pé ao lado da cama.

Fechei os olhos de puro terror!

Transido de medo, demorei um bocado a reunir a dose de coragem necessária para me convencer a abrir os olhos na escuridão. Sim! Havia alguém ali. Um par de pequenos tições amarelos me observavam impassíveis. Não, um par não... Dois, três, quatro pares de olhos luminosos. Quatro pontos brilhando num fulgor rubro e os outros quatro cintilando em amarelo.

— Quem... quem são vocês? — Minha voz soou bem mais trêmula e aguda do que eu pretendia, mas a pergunta desengasgou da minha garganta logo à terceira tentativa. — O que querem em minha casa?

Uma voz grave respondeu, tão rouca que no início não entendi:

"O Livro... Viemos buscá-lo... E a você!"

Ah, então era isto! Primeiro a visita do Álvaro, a conversa sobre o livro e aquele papo careca das precipitações pluviométricas, os conselhos, e depois, essas aparições noturnas...

— Fora daqui! — Minha mão se estendeu ao interruptor do abajur. — Não admito brincadei... ai, meu pulso!

Alguma coisa — maior, muito mais forte e, sobretudo, mais peluda que uma simples mão humana — agarrara meu pulso e o torcera num ângulo impossível. Em meio àquela dor lancinante, tive a impressão de sentir o estalo de articulação.

Outro par de olhos rubros se aproximou da mesa de cabeceira com movimentos tão rápidos que por um momento pensei que iria colidir contra a cama. Uma centelha breve na tomada e um estrondo na parede oposta revelaram o fim do belo abajur vitoriano que eu herdara de meu avô, embora no momento aquela fosse a última das minhas preocupações.

"Vamos, humano. Você virá conosco."

"Não vai não!"

Um novo vulto de olhos vermelhos incandescentes estava parado no portal do quarto. Aquela voz... Parecia algo familiar, embora jamais a tivesse ouvido soar num tom tão grave.

Os outros vultos se viraram para enfrentar o recém-chegado.

"Como ousa desafiar os desígnios dos arcanos? Você sabe qual é a pena para a desobediência?"

"Não me importa. Estou disposto a tudo!"

Ouvi dois rosnados graves, um de cada lado da cama. Meu pulso foi libertado e o vulto à minha direita deslizou em direção à porta.

O quarto se iluminou quando o jato de fogo explodiu com um rugido, atingindo em cheio o vulto que se afastava da cama.

Senti meus joelhos tremendo como caniços de bambu num vendaval.

E se o quarto se incendiasse?

A criatura alvejada caiu no tapete, estrebuchou um pouco e lançou um uivo de agonia. Senti um cheiro terrível de pelos chamuscados no ar cada vez mais abafado do quarto.

"Idiota! Tudo isto é inútil! Rostrand vai se recuperar em minutos... Imagino que ele próprio fará questão de te cortar em pedaços!"

"Não creio que ele faça questão de mais nada... Eu coloquei sais de prata no morteiro."

"Ah, maldito! Você assassinou Rostrand!"

"É isto aí, Dieguez. E tenho mais dois morteiros aqui, prontos para estourar essa tua cara peluda!"

A ameaça surtiu o efeito de um pedregulho arremessado nas águas plácidas de um lago. Os três vultos à volta do meu leito estacaram e trocaram olhares fulgurantes, parecendo confabular em silêncio.

"Muito inteligente, irmão. Tudo bem, você pode ter morto Rostrand e até derrubar Dieguez. Mas e quanto a nós dois? Pretende se bater contra o seu próprio gênero para defender a alma de um reles humano? Neste caso, é melhor pensar bem. A prata não vai funcionar..."

Como se a última frase fosse uma senha de ataque, os três vultos que cercavam a minha cama avançaram juntos contra o que chegara mais tarde.

"Desista, irmão! Ainda há tempo de escapar desta enrascada."

"Isto é que não! Ando farto dessas mortes... Vamos deixar os humanos em paz!"

"Precisamos deles para viver. Os humanos são como que o nosso gado. É para isto que eles servem, esqueceu-se?"

"Mas não precisamos matá-los!"

"Ah, esses jovens cheios de escrúpulos..." Ecoou uma voz feminina. *"Eu sabia! Deixá-los viver como humanos só podia dar mau resultado."*

Os vultos continuaram se aproximando lentamente do meu defensor, que permanecia parado junto à porta.

Ele seria capaz de sobrepujar sozinho três oponentes? E, se fosse derrotado, o que aqueles invasores macabros fariam comigo? Estremeci ao pensar nas poucas hipóteses que me restavam.

"Eu já disse que vocês não vão levar o meu amigo!"

Uma nova explosão iluminou o quarto num clarão de brilho intenso. Melhor preparado do que da primeira vez, pude ver a trilha de fogo branco se estender da porta até a criatura peluda que distava menos de um metro do pé da cama. Um fulgor brevíssimo se espalhou pelo tórax e o rosto da criatura, que tombou com um ganido aflitivo.

Se aquilo era o que eu pensava que era, os tais sais de prata deveriam envenená-lo, conduzindo-o a uma morte rápida, mas nem por isso menos indolor.

Depois de uma certa hesitação, os dois vultos sobreviventes continuaram avançando em direção à porta. Mais um morteiro explodiu, atingindo um dos atacantes em cheio. A criatura alvejada emitiu um miado roufenho mas, ao contrário das vezes anteriores, continuou caminhando como se não houvesse sofrido danos. Pude notar que ela era muito mais parecida com um ser humano do que os dois monstros peludos que jaziam mortos fumegantes no meu tapete.

Não consegui perceber que medidas meu defensor empregou contra os inimigos, mas de repente aquele que falava como se fosse o líder, mudou de tom, passando ao de súplica:

"Não, Álvaro... Largue isto no chão! Vai matar-nos a todos!"

Então pude ver meu defensor. Era Álvaro de fato! Havia uma espécie de archote na sua mão esquerda. Os outros dois, o homem que parecia ser o líder e a mulher pálida mas muito bela, recuaram assustados.

Mas o que era aquilo? A chama do archote se espalhou pelo punho do meu amigo, envolvendo-lhe a mão e o pulso num brilho azul-amarelado.

Dando um passo à frente, Álvaro brandiu o archote como um sabre, estocando o peito da mulher.

Uma grande labareda azulada se espalhou num átimo de cima a baixo, lambendo o corpo da criatura com um chiado horrível. Em menos de um segundo, ela estava totalmente envolta numa mortalha ardente e flamejante.

O outro urrou em desespero. Notei que, apesar do seu tom pungente, a boca e os lábios dele não se mexiam:

"Não! Carmilla não!"

A mulher desarmou no assoalho como uma massa amorfa e flamejante. Lembrou um saco de batatas vazio dobrando-se sobre si mesmo. Mas o mais estranho de tudo é que mal tocou o pinho-de-riga das tábuas corridas e se desmanchou numa nuvem de poeira fina e brilhante.

"Carmilla não existe mais. Somos só eu e você..." — Os lábios de Álvaro também não se mexeram. Estavam cerrados com força, como se suportasse um martírio indizível. Observei que a chama descera por seu braço, consumindo-o até a altura do cotovelo. — *"E agora, Imhotep, como vai ser?"*

"Pelo amor dos Antigos, Álvaro, largue esse crucifixo e vamos conversar..."

"Sem conversa. Saia daqui e deixe o meu amigo em paz!"

"Não posso, irmão. Devo cumprir as ordens dos Arcanos. Você sabe, o último exemplar do Testamento do Mal... já permaneceu em mãos humanas tempo demais..."

"Eu mesmo destruirei o livro. Agora vá."

"Está bem. Mas se o seu amigo der com a língua nos dentes?"

"Ele não fará isto. Não é, Egon?"

— N...ãoooo! Não mesmo!

"Até porque, se o fizer, irá parar na ala dos incuráveis do Asilo de Pedra Torta. Confie em mim, mestre. Cuidarei pessoalmente para que assim seja."

"Muito bem então. Mais tarde será julgado pelas ações desta noite."

"Isto é problema meu." — Álvaro lançou o crucifixo no chão com um gesto cansado. Seu braço flamejante se apagou instantaneamente. O quarto voltou ao breu inicial, embora uma claridade muito tênue começasse a se filtrar entre as dobras da cortina. — *"Puxa, você não imagina como isto dói!"*

"Muito engraçado! Deixe estar, dentro de uns três ou quatro séculos doerá muito mais! Aí quero ver se terá coragem de cometer este sacrilégio outra vez."

"Neste ponto você tem razão. Ao contrário do que os humanos parecem pensar, os séculos não trazem apenas sabedoria. A propósito, está quase amanhecendo. Se eu fosse você voltaria para o seu esquife..."

"Também vai precisar de um em breve, caso consiga sobreviver à sentença."

"Quem sabe?"

Vinda não sei de onde, uma ventania súbita invadiu o quarto fechado. As cortinas balançaram, os caixilhos das janelas estremeceram e a porta bateu com um estrondo.

— O mestre se foi.

— Álvaro, pelo amor de Deus, o que foi isto tudo?

— Um sonho, meu amigo. Um pesadelo. Lembra que eu te pedi para tomar o sonífero para evitar os pesadelos?

Tive vontade de acreditar que tudo não passara realmente de um pesadelo. Mas a dor horrível no pulso me convenceu do contrário. Nunca ouvi falar de ninguém que desarticulasse o pulso dormindo...

— Mas o que tem os sonhos...

— ... a ver com isto? Tudo. Primeiro, eles penetraram em seus sonhos e então te induziram para que os convidasse a entrar em sua casa.

Meus olhos acostumaram-se à claridade fraca que atravessava as cortinas.

— E a cruz? Porque produziu um efeito muito mais devastador na mulher do que em você?

— Carmilla era vários séculos mais velha do que eu. Além disso, fui criado en-

tre os humanos.

Lembrei-me de Álvaro como a criança frágil, de pele pálida, sensível, que mal suportava os raios cálidos do sol no inverno sem se encher de bolhas e erupções cutâneas...

Então era assim que os vampiros eram criados. Não pela ingestão de sangue de outro vampiro, como afirmavam as lendas e o folclore. Não se trata de infecção, mas antes mutação. Os seres humanos não se transformam em vampiros, mas podem dar à luz eventualmente a criaturas dessa estirpe.

O pulso partido latejava num martírio. Procurei me controlar. Suava frio, mas não podia me dar ao luxo de urrar de dor ou, pior ainda, desmaiar... Não quando havia tanto a perguntar.

— Álvaro, você... você é um vampiro?

— Sou, Egon. Sou um vampiro. Mas não sou mau. E sou seu amigo.

— Nisto eu acredito! Se não fosse você...

— Deixa isto para lá.

— E o seu braço, vai ficar bom?

— Vai, sim. Em uma ou duas noites estará novo em folha. Quanto ao seu pulso, acho melhor você visitar o ortopedista da clínica universitária.

— Você... bebe sangue?

— Isto mesmo. Mas não mato pessoas para bebê-lo. — Diante do meu ar de incompreensão ele se sentiu forçado a explicar. — Sou médico, esqueceu? E, diga o que quiser da Prefeitura, mas o Hospital Municipal de Pedra Torta possui um banco de sangue dos melhores que já vi. E olha que disso eu entendo bem...

— Puxa, Álvaro... Quem diria, hem?

— E aí? Posso confiar o meu segredo a você?

— É claro que pode! Você salvou a minha vida. E, além do mais, nós somos amigos, não somos?

— Somos sim. Ah, mais uma coisa, Egon. Vou ter que levar o livro.

— Tudo bem. Depois de tudo o que aconteceu esta noite, eu mesmo o destruiria... isto é... se eu pudesse...

— Pois é. *O Testamento do Mal* tem os seus próprios encantos protetores. Mas

eu posso e vou destruí-lo.

— Faça isto.

— Vai perceber que sem a presença do livro será mais fácil conciliar o sono nas noites tempestuosas... Não que devam ocorrer muitas noites desse tipo em Pedra Torta, de agora em diante.

— Mais uma vez obrigado.

— Ah, o que é isto! O que não fazemos pelos amigos?

— Álvaro, e esse tal julgamento?

— Vamos ver. Devo partir agora. O dia não tarda. Para minha desdita pessoal e felicidade dos humanos, será um dia bonito e ensolarado.

— Tomara! Pedra Torta anda mesmo precisando disso.

— Adeus, meu amigo.

— Até breve.

Álvaro saiu de forma convencional pela porta da sala, bem diferente da partida daquele que chamara de mestre.

Só então reparei que os dois licantropos também se haviam transformado em pó.

Álvaro já me indicara a origem dos vampiros. Mas como será que os lobisomens surgiam? Não, deixa para lá. Acho que aprendi minha lição... É melhor não saber.

Gemendo de dor, apalpei o pulso inchado com cuidado. Álvaro tinha razão, eu precisava ver a lesão. Antes que piorasse.

Mas havia coisas mais urgentes a fazer.

Depois de engolir quatro Novalgins com meio copo d'água, fui até o armário da despensa, pegar o aspirador e uma pilha de sacos plásticos. Com somente um braço válido e com a dor, aquilo iria dar um trabalhão...

Passando pela sala de jantar, observei Laika em seu sono tranqüilo, estendida sobre o tapete felpudo.

— Menina, você não sabe o que perdeu...

O Autor fala sobre a obra

Terror em Pedra Torta é uma lovecraftiana tupiniquim, isto é, uma história com fortes elementos da mitologia criada por H. P. Lovecraft mas passada num cenário tipicamente brasileiro.

O conto se passa no universo ficcional de Pedra Torta criado por Miguel Carqueija.

A dupla de protagonistas, amigos tão diferentes — um humano e outro... nem tanto — aparece numa segunda história, *Trevas no Jardim*, com elementos do folclore brasileiro nativo melhor especificados do que na história original.

Escrita de uma forma despretensiosa e bem-humorada numa parceria entre Miguel Carqueija e Gerson Lodi-Ribeiro, *Terror em Pedra Torta* obteve um sucesso inesperado (ao menos pelos autores!) junto ao *fandom* brasileiro, o que ensejou não só a continuação, *Trevas no Jardim*, como planos para outras aventuras dessa dupla de investigadores do paranormal que não têm absolutamente nada a ver com os Arquivos X da vida...

Gerson Lodi-Ribeiro, Setembro 2001